



MÍRIAM LEITÃO

Memória dos dados

• O Brasil é grande, complexo, cheio de contrastes, desigual e está sempre mudando. É um alvo móvel que desafia os pesquisadores. Constatação de quem vê as Estatísticas do Século XX. As desigualdades regionais caíram nos indicadores sociais e no acesso aos serviços públicos. O tempo passa e os dilemas econômicos são os mesmos. As estatísticas mostram erros da esquerda e da direita.

O Brasil teve três crises cambiais graves no século e fez quatro reformas tributárias. Entrou no novo século enfrentando uma crise cambial e fazendo uma reforma tributária. Apesar disso, ele muda com velocidade impressionante, como se vê nas séries sobre qualquer tema.

A mais vertiginosa das mudanças ocorreu na área demográfica. O país teve um acelerado aumento populacional na primeira metade do século e uma queda forte da natalidade, na segunda metade. Os dois movimentos produziram mudanças radicais na pirâmide demográfica brasileira. A mulher comandou esta revolução, que também atingiu costumes e valores.

Os números revelam que a inflação foi o mal do século. Ela dobrou como média anual entre os anos 30 e os anos 40, iniciando uma série de pulos de patamares em que cada década era pior do que a anterior. Começou esta escalada em 6% ao ano e terminou com 764% na média anual de 90 a 95. Esta corrida maluca, que persistiu por quase 70 anos da história do país, só foi detida nos últimos cinco anos do século, quando a média anual caiu para 8,6%.

A inflação explica vários transtornos da economia brasileira durante o século, um deles é a impossibilidade ainda hoje de comparar certas séries históricas de finanças públicas ou a incapacidade em determinados momentos de o governo se financiar no mercado. E provocou a crise que o IBGE define como a mais prolongada do século: a de 1988 a 1994.

Na pior crise de crescimento do século, a que ocorreu entre 81 e 84, o país teve um recuo do PIB per capita de 12%. O mesmo que a Argentina perdeu só no ano passado. Isto reforça outra constatação recorrente sobre a economia brasileira e que é confirmada ao se olhar as Estatísticas do Século: o Brasil é um país vocacionado para o crescimento. Registrou no século um crescimento médio anual do PIB de 4,8% e uma elevação do PIB *per capita* de 2,5% ao ano.

Pode parecer apenas o resultado de um passado brilhante nas primeiras oito décadas do século, mas é inevitável considerar que outros países que enfrentaram as mesmas crises do Brasil nos últimos anos perderam nacos maiores do seu produto.

“Para financiar o crescimento de suas despesas, o governo brasileiro realizou, durante o século XX, diversas reformas tributárias (em 1934, 1946, 1967 e 1988)”, diz o IBGE, mostrando uma permanência impressionante do mesmo roteiro: o estado aumenta suas despesas e para se financiar faz uma reforma que eleva a carga tributária.

De 20 a 58, ela subiu de 7% a 19% do PIB. Hoje está em torno de 37% e o governo, às voltas com mais uma reforma tributária, garante que não aumentará a carga tributária. Se cumprir, estará quebrando uma tradição que tem cem anos.

Outra tradição que atravessa o século: o financiamento de longo prazo do Brasil vem basicamente do estado; na última metade, do BNDES. Os bancos privados sempre foram acanhados no financiamento do investimento.

Curiosas também as informações sobre comércio exterior. Elas mostram que o Brasil teve uma participação muito maior no comércio internacional quando vendia apenas café. Aumentou e sofisticou sua pauta de exportação, mas mesmo assim perdeu participação e ainda não recuperou o pedaço do bolo do comércio que um dia teve.

Não é, como se poderia imaginar, resultado da queda do valor das exportações brasileiras. De acordo com o IBGE, o preço unitário dos produtos brasileiros subiu mais do que os outros produtos comercializados no mundo.

Na área social, os dados mostram como é persistente a tendência de melhora em todos os indicadores, do analfabetismo à expectativa de vida, passando por ofertas de serviços básicos, e causas de mortalidade. As principais causas de morte não são doenças endêmicas, como nos países pobres, mas doenças cerebrovasculares, circulatórias, cardíacas, que juntas respondem por 23% das mortes.

As estatísticas guardam a história. Na área de saúde, um exemplo: o gráfico dos casos de meningite no país. É uma curva normal, quase constante, que tem uma elevação brusca nos anos de 73 a 75. Naquela época a ditadura proibiu o noticiário sobre o surto de meningite. Hoje fica ainda mais claro como foi uma decisão estúpida. As estatísticas vão carregar para sempre a cicatriz daquele surto que a censura tentou esconder.

Na educação, uma lição: o gráfico da queda do analfabetismo. O Mobral foi tão criticado, mas entre 70 e 74, no seu auge, quando foi dirigido pelo professor Mário Henrique Simonsen, ele alfabetizou sete milhões de brasileiros. Em 1970 a taxa de analfabetismo era de 34%. Em 76 era de 23%. Caiu 11 pontos percentuais em seis anos. Depois, levou dez anos para cair três pontos percentuais.

Somente na década de 90, e na segunda metade, foi que voltou a cair. Em 99 estava em 13%. As estatísticas revelam que foi tão obscurantista censurar um surto de meningite, como tentou a direita, quanto condenar um programa de alfabetização de adultos, como fez a esquerda.